

Genealogia da velhice¹Silvana Tótor²

RESUMO: Pretende-se, nesse estudo, problematizar um modo de velhice na atualidade que se pauta numa subjetividade flexível (*resiliência*) que caracteriza a sociedade de controle – descrita por Gilles Deleuze -, cuja instância de formatação da verdade é o mercado. Destaca-se, neste contexto, o conceito de velhice ativa que orienta a conduta tanto individual como de grupos, sejam jovens sejam velhos, com vistas à gestão de si. Baseia-se esta subjetividade num assujeitamento ao consumo de saúde, lazer, exercícios físicos, estética de rejuvenescimento que alimentam um mercado altamente lucrativo. O problema que orienta esse estudo é o da potência da velhice persistindo na pergunta pela emergência de singularidades resistentes de existências individuais e coletivas. A proposta deste estudo é a construção de uma genealogia da velhice estabelecendo distinções e descontinuidades dos modos de envelhecer e da subjetividade da velhice nos períodos helenístico e romano (séculos I e II), da época moderna e da contemporânea. Como resultados, apontamos para as implicações políticas dos distintos modos de subjetividade.

Palavras Chaves: velhice, corpo, subjetividade, sociedade de controle

Iniciamos um estudo provocado pela urgência de um problema posto na atualidade, a saber: a velhice e o envelhecimento se exprimem em uma multiplicidade discursiva, bem como são alvos de inúmeras estratégias de intervenção, sejam dos profissionais especialistas sejam de instituições de natureza pública, estatais ou não.

A Velhice e o envelhecimento foram tematizados, em diferentes contextos históricos, na sociedade ocidental, desde a antiguidade greco-romana. Contudo, tanto a produção do sujeito velho, como os enunciados discursivos diferem e se distinguem de uma época para outra. Na sociedade atual, especificamente, a partir do final do século

¹Texto apresentado no simpósio Temático: “Desenvolvimento sustentável, responsabilidades, resiliências e resistências na sociedade de controle”, XXVII Simpósio Nacional de História, Anpuh, Natal, 22a 26 de julho de 2013.

² Professora do Departamento de Política e dos programas de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e de Gerontologia da PUCSP.

passado, houve uma explosão discursiva sobre a velhice. A população de velhos e os males que acometem seu corpo biológico tornaram-se campos privilegiados de estudos e de controle sob a égide do “cuidado preventivo”. Entenda-se este tipo de cuidado como uma gestão de si, tal qual um empresário gere sua empresa, sendo esta, neste caso, o si mesmo.

A formulação dos enunciados sobre a velhice e o envelhecimento, na contemporaneidade, configura-se, apropriando-se de uma noção conceitual de Foucault, em um *acontecimento*. Isto é, como algo que foi dito em um dado momento de modo diferente.

Se, segundo Foucault (2008a), a população emerge a condição de enunciado e torna-se alvo das práticas políticas desde o século XVIII, a população de velhos, por sua vez, torna-se matéria discursiva no final do século XX. Ora, longe de situarmos a análise discursiva no campo de um progresso de conhecimento, ou da intencionalidade de um sujeito que o pronuncia, tampouco nas estruturas que lhe dão sustentação, esse estudo, com base em Foucault, destaca as tecnologias de poder que atravessam os discursos, seus efeitos e o como eles operam no interior de mecanismos mais gerais de poder.

Em relação ao aumento da longevidade podemos atribuir inúmeros fatores, desde os avanços na área das ciências médicas, até as políticas voltadas para o chamado bem estar social. Mas não é dessa forma que colocamos o problema, mas sim como tecnologias de poder implicadas as quais atravessam tanto as pesquisas científicas como o modo de formulação do problema, seu tratamento conceitual e metodológico. Posto o problema desta forma, no âmbito das estratégias de poder envolvidas, nos é indiferente se o discurso seja de natureza científica ou não. Ele pode ser um depoimento, uma opinião emitida, um slogan publicitário, um texto ficcional.

Propõe-se investigar a produção discursiva, na atualidade, a partir dos procedimentos de individualização da velhice e do envelhecimento. Ou seja: a produção da identidade de um sujeito, no caso, o sujeito velho; as formas de sujeição ou de

resistência; os modos de subjetividade. Faz-se necessário libertar-se de um tipo de subjetividade centrada na dimensão psicológica, ou mesmo sociológica, que se pauta pela unidade da consciência, individual ou coletiva. Trata-se de situar a subjetividade, conforme sugerida pelo pensamento de Nietzsche, na dimensão política, a saber, das relações de poder que a atravessam e a produzem, dos seus afrontamentos, impulsos em luta entre si por mais potência. A subjetividade, nesse sentido, é um constante superar-se a si mesmo e atravessa todo o corpo e não somente um aparelho neurocerebral. E o corpo sempre é capaz de nos surpreender, com afirmava Nietzsche (2003b).

Colocar a produção da subjetividade no corpo nos lança para um campo de problematização do tratamento que, nas pesquisas atuais, vem se dando ao corpo. O alvo é conter no corpo seus processos disruptivos e surpreendentes. A questão desconcertante de Espinosa - lançada no Livro III da *Ética, o que pode um corpo?* - setraduz, na atualidade, em expressões de teor axiológicas, enunciadas como o que deve ou não ser feito para a prevenção ou controle dos processos indesejáveis de mudança do corpo. A neurociência avança nos estudos da mente humana, reeditando o pensamento cartesiano da superioridade da mente sobre o corpo (ORTEGA, 2010; SIBILIA, 2002). Mas a mente deixa de ser somente a sede do pensamento, do espírito ou consciência, mas matéria de conhecimento, objeto de intervenção e controle dos seus processos por meio da técnica e do conhecimento científico. Por isso podemos afirmar que embora o corpo ocupe o centro de diversos discursos (científicos ou não), trata-se de um corpo morto, porque sofre de uma redução da sua multiplicidade pulsional a um fluxo único moldável segundo um modelo considerado ótimo em seus aspectos físicos reduzido à função biológica. O corpo deixou de ser a sede do pecado da carne, para ser atravessado pelos dispositivos da sexualidade, da genética e da comunicação que o incita para o mercado de consumo. O corpo torna-se um produto disputado no mercado do consumo.

No aspecto coletivo, os investimentos na população de velhos visam reduzir os riscos de adoecer e de morrer. No limite, “modificar em algo o destino biológico da espécie” (FOUCAULT, 2008a, p. 15). A velhice tomada no seu aspecto populacional está sujeitada aos mesmos dispositivos de poder que emergiram no final do século

XVIII, os quais Foucault denominou de dispositivos de segurança, biopoder ou biopolíticas. A saber: “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia de poder” (Ibid. p. 3).

A biopolítica³ é uma tecnologia de poder que se dirige ao homem vivo, como espécie. As programações das ações governamentais visam a controlar os processos de nascimento, vida e morte de uma massa global. A biopolítica, segundo Foucault, tem como alvo a população como um problema político e científico, isto é, de relações de poder e dos aspectos biológicos da vida humana - apreendidos por verdades discursivas e dispositivos não discursivos de governamentalidade. Essa tecnologia de poder se exerce, com recursos da estatística e da demografia, para prevenir, medir, fixar equilíbrios nas taxas de natalidade e mortalidade, em suma, instalar mecanismos de segurança sobre o aleatório que é inerente a uma população de seres vivos. A biopolítica se exerce na regularização da vida, na maneira de viver, no “como” da vida e no seu prolongamento. Trata-se de um poder contínuo, com recursos da ciência, que visa a *fazer viver*.

As biopolíticas da espécie humana, destinadas a maximizar forças e extraí-las mediante mecanismos globais de gestão da vida biológica de cada um individualmente e de uma população numa sociedade capitalista de produção, cedem lugar a outros dispositivos de poder. Trata-se dos dispositivos de uma sociedade de controle, conforme descritos por Deleuze (1998). Tais mecanismos segmentam e diferenciam a massa populacional por público de consumidores de bens materiais e imateriais – tais como conhecimento, informação, comunicação e relações afetivas -, enquanto biopolíticas são dispositivos de massificação que normalizam um modo de vida biológico.

O capitalismo globalizado com base nos fluxos financeiros e privilegiando o consumo material e imaterial além da produção dissemina por todo o corpo social o modelo da empresa, redefinindo os espaços políticos, os corpos, as populações e as

³ Cf. Foucault. *Em defesa da sociedade*. (1999). pp. 289-295

subjetividades (DELEUZE, 1998). Os corpos disciplinados, moldados em instituições de sequestro – médicas e educacionais – cedem para os corpos de modulações mutáveis – aquele que o discurso neoliberal denomina de capital humano (FOUCAULT, 2008b) -, dotado de flexibilidade, inteligência emocional e habilidades comunicativas consumíveis em um mercado econômico competitivo. A renda desse capital está na dependência de um alto custo de investimento que se inicia na infância e o acompanha a vida toda, instituindo um controle contínuo em detrimento do exame ⁴ que caracteriza uma sociedade disciplinar. Na sociedade de controle a formação não termina nunca ⁵.

O governo da população enquanto uma massa normalizável com base numa série aberta de curvas de normalidade cede para uma hierarquia que individualiza com base em recursos raros inatos da genética, ou adquiridos pela formação que produz o empresário de si mesmo ou capital/máquina (FOUCAULT, 2008b). Valoriza-se nessa nova configuração capitalista, regida pelos dispositivos de controle, a diversidade e não a homogeneidade massificadora do modelo industrial. Na medida em que o trabalho e o trabalhador não mais se separam, pois o trabalho é o próprio capital que produz renda – conforme os discursos neoliberais de verdade (FOUCAULT, 2008b) -, torna-se comum fazer do trabalho fonte de prazer.

O paradigma de uma velhice ativa que domina os discursos atuais deve ser problematizado tendo em vista as novas modalidades de inserção no mercado de trabalho que privilegia menos a força física e mais os dotes da inteligência. Temos que estar atentos aos comandos que se enunciam nas palavras de ordem, por exemplo, “reinvenção de si na velhice”, melhor idade, e outros slogans. Talvez o modelo de análise pautado na oposição binária, jovens vs velho, não nos permite dar conta da extensão do problema, no presente, da inserção do sujeito velho no debate.

Podemos ousar na colocação do problema diferente da referida oposição binária. Tanto jovens como velhos se diferenciam por uma variedade de estilos de vida e são

⁴ Por exame Foucault entende o conjunto dos mecanismos que visam a medir, avaliar, classificar e hierarquizar, recrutando distintos saberes e uma série de instituições médicas, educacionais, etc. com funções normalizadoras.

⁵ Vide os cursos à distância, educação continuada, as especializações, etc. Todos com alta lucratividade.

valorizados por isso. E, no nosso entender, seria esta a característica da época atual, distinta das formas anteriores de massificação. Contudo, uma lógica de prevenção se exprime no enunciado “viver com qualidade de vida”. A velhice ativa e bem sucedida, conforme as verdades discursivas propagam, seria o resultado de uma existência bem comportada, seguindo o receituário, que varia a cada nova pesquisa lançada no mercado da saúde, sobre os cuidados com o corpo: controle periódico das doenças virtuais ou já instaladas (quase todas hoje se cronificam), alimentação saudável, exercícios físicos, lazer, redução do stress. E o mais importante, este controle é da responsabilidade do próprio sujeito, que se assujeita a uma gestão de si mesmo, de sua saúde, de seu corpo, de sua vida.

Os profissionais de saúde se destacam, mas cada um se transforma em um fiscal de si e do outro: há um controle de todos por todos. Basta acender um cigarro, saborear uma torta de chocolate, que logo se ergue uma voz, imperativa: cigarro dá câncer, doce tem muita caloria e colesterol... Punições e recompensas para o estilo de “vida escolhido”. Dentre os inúmeros sentidos de liberdade, prioriza-se aquele que envolve uma escolha, pois sem isso não pode haver responsabilização. Tudo isso regido por um regime de punição e recompensa, de liberdade e responsabilidade com base em escolhas. Ora, onde impera tal regime de liberdade, segundo Espinosa (Ética), são os afetos de tristeza que dominam. Nessa mesma direção Nietzsche denuncia a culpa e má-consciência como forças reativas (1998; 1997).

E aqui gostaria de introduzir a diferença ou descontinuidade em relação ao discurso filosófico que se traduz em modo de existência na antiguidade greco-romana. Se este discurso exerceu um tipo de fascínio em Foucault foi devido à construção de uma subjetividade pautada em uma ética como estética da existência. Tratava-se de inventar-se a si mesmo como uma obra de arte. Grosso modo, guardando a diferença entre as escolas filosóficas e a época, o eu não era algo dado, mas sim construído dando à vida um estilo. E, para isso, exigiam-se uma longa prática e um trabalho diário. Essa empreita pode, na atualidade, configurar-se em resistência aos dispositivos de poder porque se voltar para si mesmo implica, em primeiro lugar, livrar-se de uma vida ativa

que nos impõe uma gama de obrigações; e, em segundo lugar, romper com uma série de compromissos, recompensas ou endividamentos de si para consigo.

Segundo Gros (2004, p. 632), o curso ministrado por Foucault (2004a), em 1982, centraliza-se no problema da verdade e do sujeito. Nesta direção, explicitamente, o filósofo estabeleceu distinções entre os modos de subjetivação dos antigos, cristãos e modernos. Para os antigos - grosso modo, os gregos e os romanos -, o acesso à verdade exigiria um trabalho ético, ou seja, a prática de si consigo. Mais importante ainda, esta verdade não se desvincula de um agir. O sujeito do cuidado de si é aquele que se orienta por verdades que constrói, e estas verdades se traduzem em ações éticas visíveis em seus atos e posturas corporais. Bem diferente disso, é uma verdade a ser decifrada como segredo de consciência seja por especialistas seja por diretores religiosos. Neste último caso trata-se de um dispositivo de dominação, enquanto no anterior seria um exercício da liberdade.

A arte de viver sustentada pelo cuidado de si atinge seu momento glorioso no período helenístico romano, configurando-se numa cultura de si. Não se ocupa consigo, neste momento, com o fito de governar os outros - como definiu Platão no diálogo “Alcibíades” –, mas, sim, para se estabelecer consigo a melhor relação. Como destaca Foucault (2004a, p. 544), no referido período, “vive-se ‘para si’”. E este “vive-se” é que dará suporte ontológico ao sujeito para constituir-se e comandar a sua arte (*tékhnē*) de existência na sua relação consigo (Ibid.). Eis, para Foucault, a contribuição destas práticas do período em foco para uma história da subjetividade no Ocidente.

O “vive-se ‘para si’” de modo algum significa ignorar o mundo e os outros. Ao contrário, trata-se de deliberar se se quer ou não viver; se sim, seria conveniente equipar-se para o percurso da existência neste mundo com todas as suas maravilhas e sofrimentos. Contudo, vale a advertência: se se começa por cuidar dos outros sem cuidar de si ou por viver para os outros sem um vive-se para si, tudo estará perdido tanto para si quanto para os outros. Devemos poupar as pessoas de nossas misérias próprias.

A ética do cuidado de si parte do pressuposto que não nascemos prontos, e mais, trata-se de construir um percurso em que nos tornamos diferentes de quando iniciamos nossa existência (SÊNECA, 2009). A velhice seria um estado privilegiado de nossa existência, aquele do gozo de si mesmo. Saciar-se da vida é uma das maravilhas da velhice (SÊNECA, 2009, carta 32, § 3; FOUCAULT, 2004a, p. 134-138). E esta diferença é o caminho da nossa pesquisa de distinção da ideia atual de velhice ativa. Atribui-se o qualificativo de ativa ao desempenho do idoso numa vida de consumo das ofertas de serviços, lazer, saúde, beleza, juventude e uma parafernália de tantas outras coisas que alimentam o mercado capitalista.

Na atualidade, muitos são as variações de estilos, mas sempre sobre um eixo comum, ou seja, a *gestão preventiva*. Nesse sentido, jovens e velhos estão igualmente sobre controle. E mais, as velhices “bem sucedidas” de acordo com o modelo vigente (ativo e com qualidade de vida) servem de propaganda e pressão sobre o modo de ser das demais faixas etárias.

Modos de vida singular são logo reduzidos a um modelo de vida tido como saudável e generalizado para todos que almejam atingir uma longevidade. Identifica-se a partir dos seguintes dados: idade; alimentação, exercício físico, atividade de trabalho (reconhecimento social como ativo). As singularidades de uma vida pouco interessam se fugirem aos referidos itens que medem a chamada qualidade de vida.

O problema da longevidade nos discursos contemporâneos caracteriza-se pela já dita concepção de gestão de *sipreventiva*. Este modo de problematização ⁶ gerou distintas formas de intervenção e soluções. A população de velhos, hoje, enquadra-se no rol daqueles em situação de vulnerabilidade: conceito que se emprega em substituição ao de risco.

⁶Emprego o termo problematização no sentido dado por Foucault (2004b, p. 242): “problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)”.

O termo velhice nas práticas discursivas e sociais exprime, na maioria das vezes, um sentido negativo e, por isso, utilizam-se os termos “melhor idade”, “idosos”, “maturidade”, etc., para fugir dos estigmas que o termo velhice carrega. A velhice está associada à doença, decrepitude, perda da vitalidade e da força.

O que singulariza a época atual é a articulação de uma cultura de desvalorização da velhice associada a tecnologias de poder de intervenção e controle sobre o corpo dos velhos. A velhice associada à doença mobiliza uma gama variada de especialistas que fazem uso de um saber específico para intervir no corpo dos velhos, normalizando suas práticas, a partir de um modelo hegemônico e universalizável de envelhecer.

Ser velho em grande número dos discursos, hoje, é sempre estar privado de algo. Ou melhor, a velhice situa-se como perda. Contudo, há exceções, a saber, os que viveram de forma bem comportada e seguiram os preceitos recomendados para uma vida saudável. A estes últimos o prazer da velhice pode ser usufruído. Este prazer é colonizado por uma axiomática capitalista para uma parcela de idosos, a exemplo do lazer programado pela indústria do entretenimento e do turismo dirigida a consumidores segmentados. A indústria do consumo da boa forma, saudável, seleciona os pretendentes a uma velhice aceita. Todos são arrastados num fluxo único de natureza econômica.

Fora desta programação que nos discursos se orienta pelo problema da prevenção, esse estudo procurou seguir outro percurso. Colocamos o problema no âmbito da potência da velhice e não de sua prevenção. Trata-se de um problema que se situa no campo da ética, a saber, um *êthos* ou o modo singular de produzir nossa existência.

Como afirmar uma potência do envelhecimento em uma sociedade que enuncia a velhice e o envelhecimento como perda e doença? Na medida em que a velhice não é afirmada em sua potência própria, desencadeia-se um profundo ressentimento contra a própria Vida. Afirmar que a velhice é triste é o mesmo que afirmar que a vida é triste. Pois só o que é vivo envelhece. Essa afirmação está longe do slogan atual da “melhor

idade”, pois ele exprime a moral de uma vida “saudável”, capturada nas malhas da indústria do lazer e da boa forma.

A chamada “melhor idade” é atribuída àqueles que, embora de idade avançada, não são velhos, estão plenamente integrados no ritmo e nos valores ditados pela sociedade de consumo.

É preciso resistir às formas atuais de sujeição, seja a um poder que individualiza, identifica e gere a vida da coletividade de modo geral, e de cada um em particular, seja a um saber que congela as singularidades e diferenças em uma identidade sabida e conhecida. Uma subjetividade resistente, na atualidade, é afirmar a diferença: experimentos singulares, inimitáveis que não deixam intacto nenhum modelo.

Afirmar a velhice é afirmar a vida, livre da imposição de modelos. A velhice como momento de suprema liberdade para criar-se como obra que atravesse o estado atual e se lance para um novo porvir. É nesse sentido que podemos compartilhar da afirmação de Deleuze e Guattari:

Há casos em que a velhice dá não uma eterna juventude, mas ao contrário uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um dardo que atravesse as eras...⁷

Referências Bibliográficas

CÍCERO. *Saber envelhece*. (2000). São Paulo:L&PM Pocket.

DELEUZE, Gilles. (1998). *Conversações*. São Paulo:Editora 34.

⁷ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1993), p. 9

- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1993). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. (2005). “Poder, sexualidade, subjetividade: do século XX ao XXI”. PASSETTI, Edson e OLIVEIRA, Salete (orgs). *Tolerância e o intempestivo*. São Paulo: Ateliê editorial.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. (2010). *Homo deletabilis. Corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI*. Rio de Janeiro: Garamond/Faperj.
- FOUCAULT, Michel. (2008a). *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (2008b). *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (1999). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (2004a). *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. (2004b). *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. (2003). “Omnes et Singulatim”: uma crítica da razão política”. *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. (1990). 10ª Ed. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (1998). *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (1985) *História da sexualidade 3 – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (1995a). “Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow”. Apêndice à 2ª edição de Rabinow P, Dreyfus, H. *Foucault uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. (1995b). “O sujeito e o poder”. Apêndice. Rabinow P, Dreyfus, H. *Foucault uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GROS, Frédéric. (2004) “Situação do curso”. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Marcio A. da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.
- NIETZSCHE, F. (2003a). *Segunda consideração intempestiva*. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2003b). *Assim Falou Zaratrustra*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1998). *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1997). *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1996). *A Gaia Ciência*. Lisboa: Guimarães Editores.
- ORTEGA, Francisco e ZORZANELLI, Rafaela. *Corpo em evidência. A ciência e a redefinição do humano*. (2010). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. (2001). São Paulo: Editora Estação Liberdade.

SÊNECA. (2009). *Cartas a Lucílio*. 4ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico. Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. (2002). Rio de Janeiro: RelumeDumará.

SPINOZA. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. (2007). Belo Horizonte: Autêntica.

SWAIN, Tânia Navarro. (2006). "Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista". RAGO Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica.

TÓTORA, Silvana. "Ética da vida e o envelhecimento". CÔRTE, B; MERCADANTE, E. F.; GAETA, A. (orgs). *Envelhecimento e velhice: um guia para a vida*. São Paulo: Vetor, 2006.

TÓTORA, Silvana. "Apontamentos para uma ética do envelhecimento". São Paulo: Educ, revista Kairós, 11(1), jun.2008. p. 21-38

TÓTORA, Silvana. "A vida nas dobras... as dobras da velhice". Revista A Terceira Idade nº43. São Paulo, Sesc, out/2008. p. 27-38